

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

**A UNIVERSIDADE E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO SUPERIOR**

Guilherme Aparecido de Godoi -  
UEL - [guilhermeapgodoi@gmail.com](mailto:guilhermeapgodoi@gmail.com);  
Jamille Mansur Lopes -  
UEL - [jamille\\_mansur@hotmail.com](mailto:jamille_mansur@hotmail.com)

**Eixo 3: Educação Superior**

**Resumo**

Este estudo pretende refletir sobre a Universidade inserida no atual contexto capitalista, fazendo um resgate histórico dos ideais matriciais que envolveram a fundação da Universidade Moderna até o presente momento de uma Universidade focada em atender às demandas e exigências do Mercado. A Universidade deixou de ser uma instituição de estudo e formação e passou a ser uma empresa educacional cujo fim é gerar utilidades. Ela foi tomada pela ideologia do neoliberalismo e do mercado, conseqüentemente perde autonomia, deixa de ter pensamento próprio e sua relação com a sociedade se enfraquece. O professor universitário também deixa de ser o agente responsável pela formação, agora sua principal função é ser pesquisador. Em uma Universidade que deve produzir utilidades, o papel do professor universitário está focado nos produtos e na produtividade de suas pesquisas. Sua formação tem privilegiado apenas aos aspectos científicos e técnicos, sendo deixados para segundo plano, ou mesmo esquecidos, uma formação que trate dos aspectos de uma pedagogia universitária. Além de trazer tais assuntos sobre uma perspectiva crítica, este artigo pretende também propor uma reflexão acerca dos possíveis caminhos que a formação do docente universitário pode experimentar, a fim de reaproximar a universidade das questões sociais.

**Palavras-chave:** Formação de professores universitários. Neoliberalismo. Universidade utilitarista.

**Introdução**

A história da universidade como instituição social esta relacionada ao advento da Modernidade, do Humanismo e Iluminismo. Como bem apontou Bento (2014) foram estas perspectivas que fundaram os pilares da Universidade Moderna, uma instituição a serviço da humanidade, da sociedade, da democracia e da liberdade. Wilhelm Von Humboldt (1767 – 1835) foi quem fundou a Universidade Moderna, em 1810 com a Universidade de Berlim. A palavra-chave que orientou Humboldt foi “ideia” (“ideia de universidade”), que tinha afinidade com a palavra “arété”, noção grega que se relaciona com “o processo de busca ilimitada e

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

incondicionada de aperfeiçoamento, formação e conhecimento” (BENTO, 2014, p. 694). Sendo assim a universidade estava alinhada ao ideal de “formação”, fato que sofreu alterações nos dias atuais. O que se percebe em grande parte nas universidades públicas e privadas é o esquecimento de seus pilares fundadores e uma reordenação das suas atividades visando atender aos interesses mercadológicos.

E é neste contexto que se constitui o docente da educação superior. Uma vez que a universidade se distanciou do ideal de formação, o seu docente universitário passa a ser cobrado pela produtividade que está oferecendo às demandas do mercado, e não mais na relação de ensino e aprendizagem com seus alunos. Cabe a ele pensar e gerar utilidades em uma universidade também utilitarista. Tal fato influencia na formação deste professor, agora o docente universitário se prepara para exercer sua profissão se especializando como pesquisador, fazendo a pós-graduação nos níveis de mestrado e doutorado. Acredita-se que assim ele conseguirá transferir automaticamente seus saberes técnicos sem necessitar pesquisar e reconhecer aspectos pedagógicos que envolvem toda ação pedagógica.

É procurando compreender as atuais circunstâncias na qual se insere a universidade, que este estudo busca apontar os elementos que definem os atuais ofícios da universidade, como também o que se espera e qual a formação do seu professor universitário. Além de trazer tais assuntos sobre uma perspectiva crítica, este artigo pretende também propor uma reflexão acerca dos possíveis caminhos que a formação do docente universitário pode experimentar, a fim de reaproximar a universidade das questões sociais.

### **Objetivos**

É procurando compreender as atuais circunstâncias na qual se insere a universidade, que este estudo busca apontar os elementos que definem os atuais ofícios da universidade, como também o que se espera e qual a formação do seu professor universitário. Além de trazer tais assuntos sobre uma perspectiva crítica, este artigo pretende também propor uma reflexão acerca dos possíveis caminhos que a formação do docente universitário pode experimentar, a fim de reaproximar a universidade das questões sociais.

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

**Referencial teórico**

**A sociedade do conhecimento e a concepção instrumentalista de universidade**

Uma Universidade é compreendida como uma instituição de ensino superior que oferece atividades de ensino, pesquisa e extensão, tais serviços são direcionados visando responder às demandas da sociedade, nas diversas áreas do saber. Conforme afirma Chaui (2003), a universidade fundou-se a partir da ideia de autonomia frente ao Estado e à religião, para esta autora:

[...] sobretudo depois da Revolução Francesa, a universidade concebe-se a si mesma como uma instituição republicana e, portanto, pública e laica. A partir das revoluções sociais do século XX e com as lutas sociais e políticas desencadeadas a partir delas, a educação e a cultura passaram a ser concebidas como constitutivas da cidadania e, portanto, como direito dos cidadãos, fazendo com que, além da vocação republicana, a universidade se tornasse também uma instituição social inseparável da ideia de democracia e de democratização do saber [...] (CHAUI, 2003, p.5).

No entanto essa proposta de democratização do saber sofreu distorções, por exemplo, aqui no Brasil a partir das reformas realizadas pelo governo do então presidente da época Fernando Henrique Cardoso (1995 - 2002). Nessas reformas continham diretrizes que definiam a educação, saúde e cultura como serviços não exclusivos do Estado (característico das políticas neoliberais). Assim a educação passa a ser um serviço que pode ser privatizado e, o mais alarmante, “a educação deixou de ser concebida como um direito e passou a ser considerada um serviço” (CHAUI, 2003, p.6).

É nesse contexto que a universidade deixa de ser uma instituição social e passa a ser uma organização social (CHAUI, 2003). Em linhas gerais, a universidade como organização social passa a ser observada por um viés instrumental, ela passa a aspirar objetivos particulares (e não mais universais), tem como princípio a própria universidade inserida em um ambiente de competição, distante do seu princípio inicial ligado à procura de respostas para as contradições da sociedade. Segundo Freitag (1995 apud CHAUI, 2003. p.7) essa visão organizacional da universidade produziu a universidade operacional que é regida por contratos de gestão, avaliada por índices de produtividade, alheia ao conhecimento e à formação intelectual, sem tempo para a reflexão e crítica. Bento (2014) corrobora

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

com essa ideia ao falar de uma “universidade-empresa”, que tomada pela ideologia neoliberal e do mercado deixa “de ser uma instituição de estudo e formação e passou a ser uma empresa ‘educacional’, cujo fim é gerar utilidades. [...] que já não oferece nada; só vende” (BENTO, 2014, p. 702).

### **O professor de sucesso em uma universidade operacional**

Como visto anteriormente, a universidade distanciou-se de seus pilares matriciais, do seu papel humanizador e social e cada vez mais se encontra presa às expectativas utilitaristas ditadas pela lógica empresarial do mercado. E é neste cenário que se constitui o docente da educação superior. Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação a especificação para formação do docente do ensino superior encontra-se no artigo 66 que preconiza o seguinte: “Art. 66. A preparação para o exercício do magistério superior far-se-á em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrado e doutorado.” (BRASIL, 1996). Sendo assim o docente que atua no ensino superior se preparou nesse contexto da universidade operacional, tornando-se agente de um processo mercantil, no qual os conhecimentos são mercadorias e os alunos clientes (GORGEN, 2014).

Historicamente o professor universitário se constituiu com base na profissão que exercia/exerce no mundo do trabalho, a ideia de que quem sabe fazer sabe ensinar, neste sentido Cunha (2005, p.70) acrescenta que:

A ordem “natural” das coisas encaminhou para a compreensão de que são os médicos que podem definir currículos de medicina, assim como os economistas o farão para os cursos de economia, os arquitetos para a arquitetura e assim sucessivamente.

Somando-se a esse aspecto temos que a docência universitária recebeu forte influência da concepção epistemológica positivista, inspiradora das ciências exatas e da natureza, que era reconhecida por portar o conhecimento socialmente legitimado. No positivismo “o conteúdo específico assumia um valor significativamente maior do que o conhecimento pedagógico e das humanidades na formação de professores.” (CUNHA, 2005, p.71).

Assim, a carreira do docente universitário se estabelece por essas duas perspectivas: 1- Para ser professor universitário basta possuir o conhecimento

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

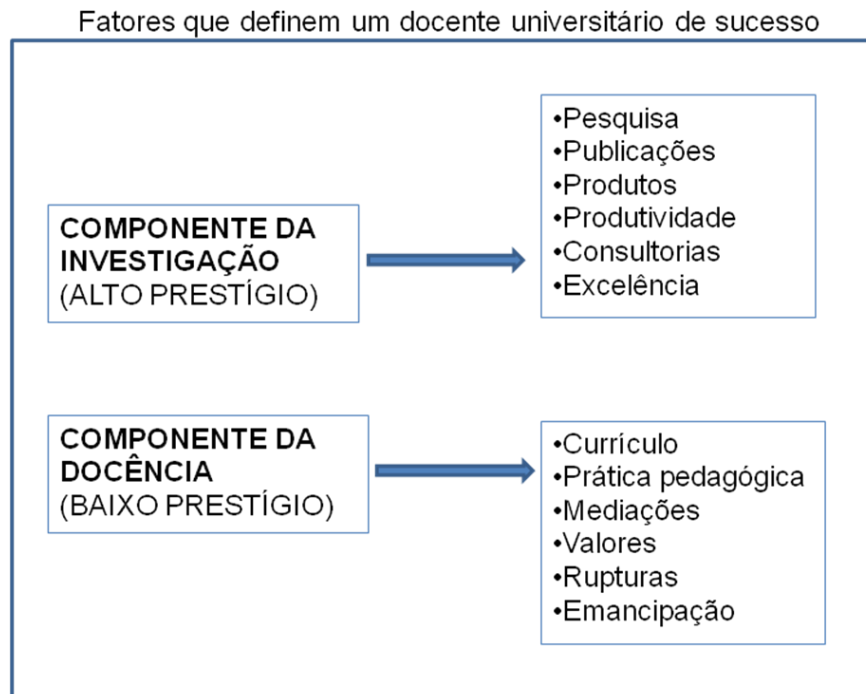
de sua especialidade e das formas acadêmicas de sua produção; e 2- A formação do professor requer esforços apenas na dimensão científica do docente (mestrado e doutorado). Há uma nítida negligência para a formação pedagógica desse docente universitário, assunto que deveria ser levado em conta uma vez que este profissional é o responsável pela formação de inúmeros outros. Soares e Cunha (2010) apontam que as próprias agências de fomento à pesquisa (a Capes foi o exemplo trazido por elas) são consoantes com os programas de pós-graduação, que tem como objetivo central formar pesquisadores. As autoras também constatarem em suas pesquisas a ausência de uma pedagogia universitária na formação do docente no ensino superior, apontam que:

Nesse cenário complexo, chama a atenção nas políticas públicas a não exigência de uma formação para o professor da educação superior que contemple os saberes específicos da docência, como os relacionados aos processos de ensino e aprendizagem, incluindo a avaliação e o planejamento, enfim, a condução da aula nas suas múltiplas possibilidades. (SOARES; CUNHA, 2010, p.580).

Uma pedagogia universitária que contenha os saberes específicos da docência está relacionada a uma formação de qualidade, que não se reduza aos ensinamentos de elementos técnicos, mas que também promovam os conteúdos das ciências humanas, importantes para a formação de cidadãos mais críticos, responsáveis pela construção de espaços mais solidários e criativos. Mas temos que lembrar que a formação do docente universitário não é neutra, ela está inserida no aparelho ideológico do Estado neoliberal, que está obtendo êxito produzindo professores utilitários para uma universidade operacional, para assim manter as estruturas sociais e suas contradições vigentes.

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

Analisando as avaliações externas que as Universidades estão sujeitas, Cunha (2005) identifica elementos de alto e baixo prestígio na ação do docente universitário, suas reflexões encontram-se resumidas no Quadro 1.



(Adaptado de Cunha, 2005, p.78)

As informações que podemos extrair do quadro nos revela que tais avaliações preconizam os dados quantitativos acerca das universidades, elas levam em conta apenas o que se pode mensurar, os produtos e mais ainda, a produtividade que dita quais são as melhores Universidades e definem o que é um professor de sucesso. Neste sentido o campo da investigação tem alto prestígio na definição do sucesso do docente universitário, é um bom professor aquele que direciona seu trabalho para os produtos, as pesquisa e publicações, para atingir a excelência e produtividade assim como em uma empresa. Já o campo de baixo prestígio é aquele relacionado às práticas docentes, como a prática pedagógica, as mediações e valores, uma reflexão crítica que proporcione rupturas no pensamento e a emancipação dos indivíduos.

Esta configuração do quem vem a ser um docente universitário de sucesso é produzida em um contexto político onde se impera a lógica do Estado-regulador, das políticas do neoliberalismo, que dedicado a atender às exigências do mercado, tem produzido o “professor investidor”, que não está interessado em

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

produzir conhecimento que responda às questões significativas para seu aluno, e sim obter sucesso na corrida acadêmica (CUNHA, 2005).

## **Resultados e Discussão**

### **O processo formativo do docente universitário- possíveis caminhos**

Como visto, parece ter sido assumida uma posição que considera que na formação do docente da educação superior, os saberes relacionados à investigação (pesquisa) são suficientes ou se transformam, em saberes da docência, o que se constitui uma falsa afirmação. O docente universitário, tendo que atingir os padrões de produtividade que lhe são exigidos, conduz o seu trabalho de forma semelhante à qual experimentou na sua formação, sua preocupação não envolve os saberes da docência que ele deveria organizar para seu trabalho, mas sim sua preocupação principal é em dar andamento e ampliar suas pesquisas.

Diante este cenário, da universidade operacional que tem como docente um professor investidor, nos cabe o desafio de pensar possíveis caminhos que levem a mudanças, para que a universidade possa se aproximar novamente de seus pilares matriciais, humanizador e social, e que tenha autonomia frente aos ideais utilitaristas do mercado e do Estado-regulador. Para que tais transformações ocorram nesse sistema devem-se preconizar mudanças na formação do docente universitário, tanto por parte das próprias Instituições de ensino, como pelas agências de fomento à pesquisa e também pelas políticas públicas, que devem passar a reconhecer a complexidade que envolve a formação deste docente, criando alternativas para uma formação mais humana e universal.

Em primeiro lugar temos que reconhecer que a formação do docente universitário não é algo que tem um ponto final, como se fosse um produto acabado. Desta forma podemos começar a refletir sobre um “desenvolvimento profissional docente”, como sugere Pachane (2013, p.104):

Acreditamos que a perspectiva do desenvolvimento profissional docente seja interessante, pois o termo formação pode inspirar, por um lado, a noção de um modelo ideal preconcebido, fixo, imutável (se pensarmos na palavra forma) e, por outro, sugerir a ideia de que é possível pensar-se no professor como um produto acabado, e não em um indivíduo em constante processo de mudança/desenvolvimento.

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

Esta ideia do desenvolvimento profissional docente permite compreender a formação dos professores como um contínuo, não é algo que se define apenas realizando a pós-graduação, e sim um desenvolvimento sem ter um limite definido, que está em constante construção e reconstrução. Neste sentido se reconhece a importância de uma formação continuada, que procure dar conta da adequação dos saberes deste profissional com as mudanças que ocorrem nas relações da sociedade contemporânea, e na relação docente-discente. Soares e Cunha (2010), ao analisar uma série de estudos que vem sendo produzidos no país sobre o tema, reconhecem a:

a necessidade de programas institucionais de formação continuada dos professores da educação superior, uma vez que há uma lacuna a respeito da sua formação acadêmica anterior. As pesquisas analisam o fenômeno e chegam a sugerir alternativas de formação continuada, utilizando as novas tecnologias de comunicação e informação, a pesquisa-ação e as tutorias de professores experientes aos iniciantes, que possibilitariam o compartilhamento das práticas docentes, entre outras (SOARES; CUNHA, 2010, p.580).

Neste mesmo estudo as autoras apontam que o professor universitário “constrói sua identidade docente a partir das vivências familiares, dos modelos de antigos professores, da própria experiência autodidata, das trocas com colegas e do feedback dos estudantes.” (SOARES; CUNHA, 2010, p 580). Desta forma cabe ressaltar a importância que tem a relação compartilhada entre os sujeitos (seja professor- aluno ou professor-professor) no desenvolvimento profissional do docente universitário. O compartilhamento das práticas docentes entre os professores iniciantes e os mais experientes, como também o feedback dos estudantes contribuem para a construção da aprendizagem de ser professor. Conforme Bolzan e Isaia (2010) esta aprendizagem deve ser: colaborativa e compartilhada; fazer-se na prática da sala de aula, na ação cotidiana da universidade; e nas relações interpessoais presentes no processo de ensinar, aprender, formar-se e desenvolver-se profissionalmente.

Somando-se aos conhecimentos compartilhados, a reflexão também assume um papel importante no desenvolvimento do docente universitário, conforme Bolzan e Isaia (2010, p.21) é necessário colocar “o sujeito professor em permanente processo de reorganização pedagógica pela reflexão, favorecendo a aprendizagem



**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

de ser professor.” É a partir da reflexão sobre a ação docente que se cria possibilidades para transformações na ação pedagógica. É neste sentido que Goergen (2014) propõe que o processo formativo do docente universitário deve priorizar o caráter crítico-reflexivo, para que assim sua trajetória profissional ultrapasse as barreiras do funcionalismo e sigam um sentido mais humano, coletivo e social.

### **Conclusões**

Conforme afirma Bento (2014) a universidade deixou de ser uma instituição de estudo e formação e passou a ser uma empresa educacional cujo fim é o de gerar utilidades. A universidade foi tomada pela ideologia do neoliberalismo e do mercado, conseqüentemente perde autonomia e deixa de ter linguagem e pensamento próprio. Ela afasta-se dos seus ideais de servir à humanidade, sociedade, cultura, democracia e liberdade, e torna-se instrumento de propagação de interesses mercadológicos e financeiros.

Pensar em uma nova reordenação dos ideais de universidade sem dúvida alguma envolve uma revalorização do trabalho docente. Além de garantir boas condições de trabalho e salários mais justos, as políticas e o Estado têm que conceber a Universidade e a educação superior como um direito e não um privilégio de classes. Só assim ela se afastará de seu caráter de empresa educacional, vinculando-se novamente aos seus ideais matriciais de estudo e formação, voltadas para responder às questões sociais. Colabora para o processo de aprendizagem do docente universitário uma formação crítico-reflexiva, que possibilite a constante transformação de sua ação pedagógica, como também as relações interpessoais, nas quais as experiências dos saberes da docência possam ser compartilhados, somando e ampliando a experiência e os esquemas de ações de cada profissional.

A universidade tem que se redirecionar aos interesses e direitos dos cidadãos e não aos interesses do capital. Para tanto a própria pesquisa deve ser revalorizada e ressignificada, deixando de ser regida pela produtividade e sim pela qualidade e relevância social e cultural.

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

**Referências**

BENTO, Jorge Olímpio. **Do estado da universidade: metida num sarcófago ou no leito de procustes**. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior, Campinas; Sorocaba, SP: Uniso, v.19, n.3, nov.2014, p. 689- 721.

BOLZAN, D. P. V.; ISAIA, S. M. A. **Pedagogia universitária e aprendizagem docente: relações e novos sentidos da professoralidade**. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v.10, n.29, p. 13-26, jan./abr. 2010.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96**. Brasília : 1996

CHAUÍ, Marilena. **A universidade pública sob nova perspectiva**. Revista Brasileira de Educação, Anped, Rio de Janeiro, n.24, set./out./nov./dez. 2003, p. 05-15.

CUNHA, Maria Isabel et al. **Políticas públicas e docência na universidade: novas configurações e possíveis alternativas**. In: CNHA, M. I. (org.) Formatos avaliativos e concepção de docência. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 69-91.

GOERGEN, Pedro. **Tecnociência, pensamento e formação na educação superior**. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior, Campinas; Sorocaba, SP: Uniso, v.19, n.3, nov. 2014, p. 561-584.

PACHANE, Graziela Giusti. **Teoria e prática na formação de professores universitários: elementos para discussão**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006, p. 97-145.

SOARES, Sandra Regina; CUNHA, Maria Isabel. **Programas de pós-graduação em educação: lugar de formação da docência universitária?** Revista Brasileira de Pós-Graduação, Brasília, v. 7, n. 14, dez. 2010, p. 577-604.